



PARALAPRACÁ



Os Cadernos de Orientação são materiais pedagógicos do programa Paralapracá destinados a profissionais que trabalham na Educação Infantil. Eles fazem parte da Coleção Paralapracá. Cada caderno aborda um eixo formativo – assim como a série de vídeos que também compõe a coleção – e visa apoiar os educadores na sua prática. Nas próximas páginas, há um conjunto de orientações ou sugestões de como explorar os materiais e referências pedagógicas do programa, além de como envolver todos os que fazem parte do processo educativo – crianças, famílias, membros da comunidade, educadores, instituições de Educação Infantil e escolas. Este caderno está organizado da seguinte forma:

1. Título

2. Participantes



CRIANÇAS



PROFESSORES
COORDENADORES
GESTORES



INSTITUIÇÃO
DE EDUCAÇÃO
INFANTIL



COMUNIDADE

3. Materiais



SACOLA PARALAPRACÁ

Acervo da Coleção Paralapracá, composta por Cadernos de Orientação, Cadernos de Experiências, *Almanaque Paralapracá*, *Estação Paralapracá* e série de vídeos Paralapracá.

4. Seções

CÁ ENTRE NÓS

Esta seção traz questionamentos, reflexões e provocações para o educador pensar.

PARA FAZER

Esta seção trata da proposta de trabalho em si. Nas sugestões, em destaque:



INTENÇÃO



DICAS



SAIBA MAIS

LÁ

Esta seção está voltada ao público que quer ir além, aprofundar-se por meio da consulta a livros, sites, revistas, etc.

Agora que você já sabe como este caderno está organizado, é só fazer acontecer!

PARALAPRACÁ



O Caderno de Orientação *Assim se Faz Literatura* é uma publicação do programa Paralapracá. O programa é uma frente de formação de profissionais da Educação Infantil criada em 2009, por meio de uma parceria entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

O Paralapracá foi implementado em diversos municípios e teve sua eficácia reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, quando passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC. O programa é uma metodologia da Avante, passível de ser implantada em regime de parceria em qualquer localidade brasileira.

Esta publicação faz parte da Coleção Paralapracá e está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição Internacional 4.0 (CC BY 4.0). Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA, 94042, Estados Unidos.

Realização

Avante – Educação e Mobilização Social
Instituto C&A

Leitura crítica

Maria Thereza Marcilio

Concepção

Avante – Educação e Mobilização Social

Atualização de conteúdos da 3ª edição

Luciana Ávila

Mônica Martins Samia

**Equipe de elaboração da Coleção
Paralapracá****Revisão técnica da 3ª edição**

Janine Schultz

Coordenação editorial

Mônica Martins Samia

Produção editorial da 3ª edição

Sandra Mara Costa

Autoria

Fabiane Brasileiro

Fabíola Margeritha Bastos

Giovana Zen

Liane Castro de Araújo

Mônica Martins Samia

Verônica Valadares

Revisão ortográfica

Mauro de Barros

Projeto gráfico, editoração e ilustrações

Santo Design



Sumário

Mexa, remexa e se delície!	9
A leitura literária na educação infantil	13
Lendo as ilustrações	19
Quem conta, reconta e faz de conta	22
Brincando com a linguagem: a vez da poesia	26
Os bebês, a leitura e a literatura	30
Cenários literários	34

Assim se faz literatura

A literatura, como toda arte, é uma
confissão de que a vida não basta.
FERNANDO PESSOA



Era uma vez...

Conte outra vez...

Por que nos encantamos tanto com o universo literário? De onde vem o seu fascínio?

A literatura é a arte feita de palavras. Como arte, o texto literário dialoga com a subjetividade, com a sensibilidade estética, com a beleza e a emoção. A partir dela alimentamos o nosso imaginário.

Por meio da literatura, podemos ter acesso a uma infinita variedade de experiências para compreender nossa própria vida, sentimentos, desejos, tanto no âmbito da fantasia quanto da realidade. A arte literária nos conecta, assim, com a nossa própria humanidade. Por isso, o efeito é único em cada um de nós, já que implica a apropriação individual, singular, da realidade que cada texto recria. E, por isso também, não há um jeito único de interpretar narrativas e de apreciar poesias. Cada um ouve ou lê uma história a partir das outras histórias que tem dentro de si, e um poema fala diferentemente a cada um. A arte literária não tem um sentido utilitário, mas de favorecer a liberdade, de emocionar e ampliar a experiência de mundo.

Quando falamos em literatura para crian-

ças, falamos também na formação leitora, em especial a formação do leitor de literatura. O primeiro contato da criança com o literário se dá pelas experiências sonoras e imagéticas, através da escuta de histórias, da apreciação das ilustrações dos livros e das brincadeiras com a poesia oral. Logo, porém, o seu contato com o livro a aproxima da linguagem escrita, pela via da leitura do adulto e de tudo que ela passa a observar dessa atividade leitora, na interação com os livros e com os outros.

À medida que essa relação com o mundo é construída, nos ligamos afetivamente àquilo que nos é mais significativo. E esse vínculo se estabelece a partir das experiências literárias que temos desde bem pequenos. Quem, como e onde nos contam histórias são elementos importantes no tipo de vínculo que estabelecemos com a literatura. As primeiras experiências com as sonoridades e ritmos dos textos poéticos orais vão, por sua vez, ter um importante papel na emergência da sensibilidade poética.

Por isso, antes de continuar, vale uma pergunta: qual é a SUA relação com a literatura? Afinal, antes de tudo, é preciso descobrir-se ou tornar-se leitor, para então transformar-se em um mediador de leitura.

Mexa, remexa e se delicie!



■ ALMANAQUE PARALAPRACÁ

Cá entre nós

- Antes de mais nada, procure lembrar um momento prazeroso que você vivenciou com o mundo da leitura. Por ora, só valem os momentos de encantamento! Lembrou? Você se pegou rindo sozinho ao lembrar esses momentos?
- Que sensação lhe veio à mente ao lembrar essas situações? Alegria, sorrisos indecifráveis, risos marotos, saudade, excitação, ansiedade?
- Qual é a importância da experiência literária pessoal na constituição da nossa atuação profissional?

Pra fazer

PROPOSTA 1

Nesta proposta, a ideia é resgatar as suas memórias, sensações e espírito aventureiro, pois o convite é para explorar os materiais da Coleção Paralapraca, os materiais literários disponíveis na sua instituição e os materiais do seu acervo pessoal. Na Coleção Paralapraca, um dos destaques é o menu de guloseimas lúdicas

...para formar crianças que gostem de ler e vejam na leitura e na literatura uma possibilidade de divertimento e aprendizagens, precisamos ter, nós adultos, uma relação especial com a literatura e a leitura. Precisamos gostar de ler, ler com alegria, por diversão, brigando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história, enfim, costurando cada leitura, como um retalho colorido, à grande colcha de retalhos — colorida, significativa — que é a nossa história de leitura.
GLADIS KAERCHER



Refletir sobre a importância da organização do espaço no processo de formação do leitor.

oferecidas no *Almanaque Paralaçracá*. Pode chamar outras pessoas, outros colegas. Mas lembre-se de que todos devem ter o mesmo espírito explorador! Procure entrar em contato com toda essa diversidade e vá construindo sua história sobre a leitura, a literatura, a leitura do mundo! Deixe-se envolver pela magia da literatura, abrindo-se para o puro deleite.

Ah! Não há regras, nem modelos, nem meios para começar sua exploração. Apenas inicie. Sem preconceitos. Explore as capas, veja as ilustrações, escolha os livros que lembram suas crianças, encontre os seus preferidos, divirta-se com as piadas, com as parlendas, desafie a meninada e seus colegas (por que não?) com os trava-línguas. Manuseie os materiais da sacola, use chapéus, manuseie tecidos, familiarize-se com dedoches e fantoches. O mais importante é você curtir essas descobertas!

Após as explorações (todas e quantas você desejar fazer), escolha uma história ou poema para ler, contar ou recitar e veja o que acontece com as crianças. Depois, conte aos colegas, compartilhe e viva essa experiência de leitura coletiva!

PROPOSTA 2

Venho de uma família em que se contava muita história. Com livro ou sem livro. E os repertórios variavam muito, de acordo com o contador. Minha mãe era especialista em contos de fadas. Meu pai sempre trazia uns clássicos diferentes, muitas vezes mostrando as figuras nuns livrões que tirava da estante. Minha avó contava as histórias populares de nossa tradição oral, cheias de almas do outro mundo, heróis bobos ou espertalhões, bichos que falavam, gigantes... Entre elas, talvez as minhas preferidas fossem as de Pedro Malasartes, de que ela parecia ter um estoque interminável.

ANA MARIA MACHADO

Quais são as histórias populares da sua região? Na instituição os adultos compartilham histórias? Assim como as crianças, os adultos também precisam de um pouco de fantasia para viver. Eles também têm direito à ludicidade e ao encanto das histórias, não é mesmo? Além disso, eles podem ser uma fonte inesgotável de histórias da tradição oral da comunidade na qual a instituição está inserida.

★ Organizar os materiais e o espaço como um banquete literário proporciona liberdade de interação entre o leitor e o livro, sendo uma das formas de atraí-lo para o universo da leitura.

★ No *Almanaque Paralaçracá* você se diverte com as seções: *Contação, Risoshas, Parlendas, Quaquaquauadrinhas, Trava-línguas* e muito mais.

★ Uma sugestão é ouvir uma das histórias contadas no CD *Abra a roda tin-do-le-lê*. Tem a história do sapo e dos brinquinhos de ouro. Viaje na cadência da narração, nos recursos que a contadora usa, e aprecie como é divertido ouvir uma boa história! Há também dois CDs dedicados especialmente a este eixo: o grupo Palavra Cantada interpreta histórias de Ruth Rocha em o *Mil pássaros — Sete histórias de Ruth Rocha*. Em *Tic tic Tati*, a cantora Fortuna interpreta poemas e histórias de Tatiana Belinky, musicadas por Hélio Ziskind. Vale a pena conferir e se deleitar! Você encontra essas obras em acervo digital. Basta fazer uma busca na internet!

🔍 Direitos imprescritíveis do leitor:

- i. O direito de não ler.
- ii. O direito de pular as páginas.
- iii. O direito de não terminar de ler o livro.
- iv. O direito de reler.
- v. O direito de ler não importa o quê.
- vi. O direito ao “bovarismo” (doença textualmente transmissível).
- vii. O direito de ler não importa onde.
- viii. O direito de “colher aqui e acolá”.
- ix. O direito de ler em voz alta.
- x. O direito de se calar.

DANIEL PENNAC

Os pais, avós e tios também são atores desse processo, tanto como leitores quanto como contadores de histórias. Por que não convidá-los para uma roda de contação de histórias com seus filhos? Certamente eles se sentirão muito importantes e valorizados! Além disso, as reuniões de pais podem ficar muito mais interessantes se estiverem recheadas de causos, não é mesmo?

Outra sugestão seria convidar pessoas da comunidade para declamar textos poéticos, contar causos e narrar histórias, como se pode ver no vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapracá, quando aparece uma senhora compartilhando histórias com as crianças. Pessoas da comunidade contribuem para a formação das crianças, ampliando o repertório com outros gêneros e novas histórias. Esse é um momento de reconhecimento e valorização da diversidade cultural da comunidade da qual fazem parte, além de reforçar a prática de narração oral de histórias.

Lá

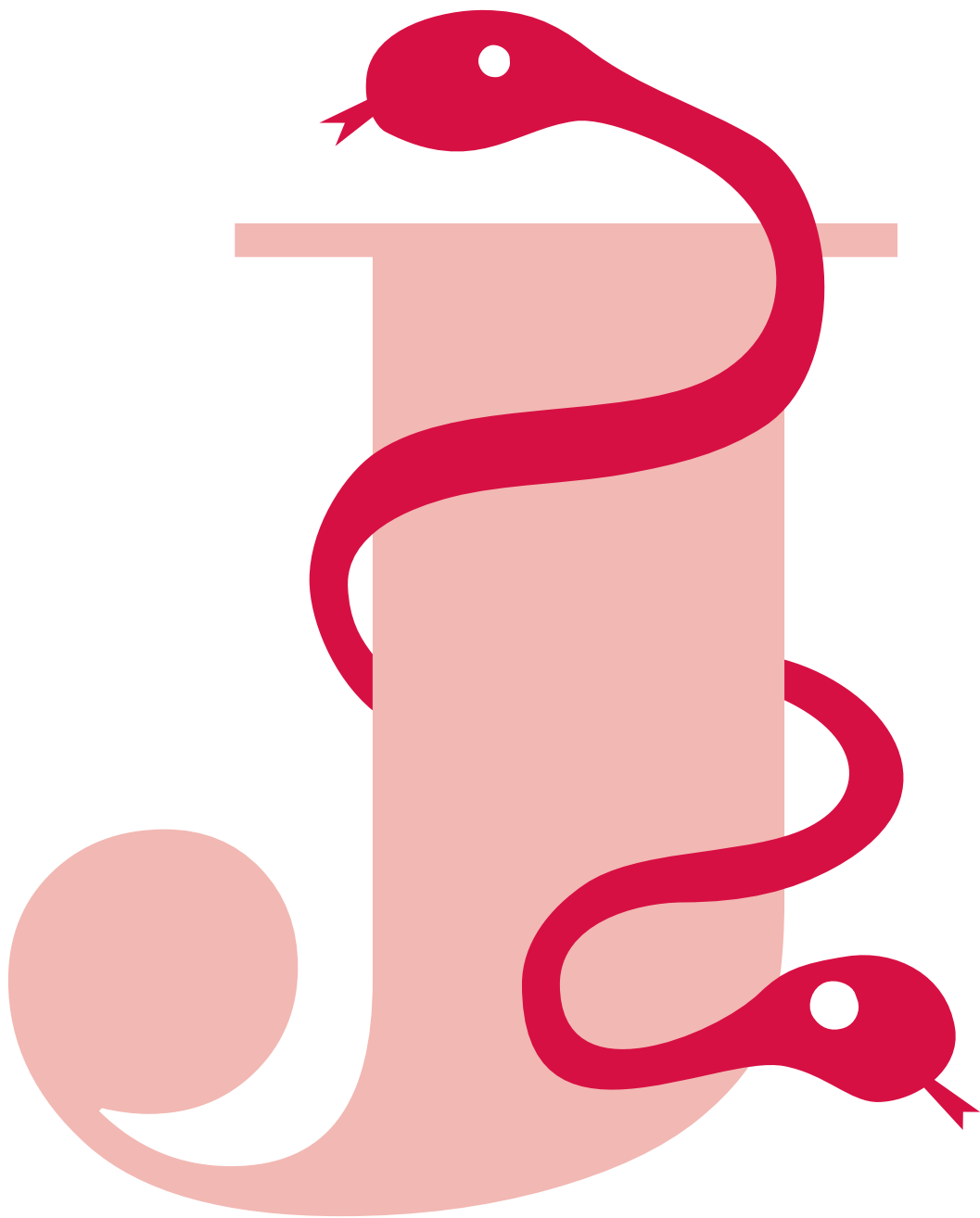
- BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos*. In: NOVAES, A. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FORTUNA, *Tic tic Tati* (CD). Selo Sesc SP, Brasil, 2012. Interpretação de poemas e histórias de Tatiana Belyky, musicadas por Hélio Ziskind.
- KAERCHER, Gladis E. *E por falar em literatura*. In:_____. *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 83.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- O material didático do curso “Leitura e Escrita na Educação Infantil”, do Ceale – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da FaE/UFMG, é constituído por uma coleção de oito cadernos, além de um caderno de apresentação e um encarte destinado às famílias das crianças. Os textos foram escritos por diferentes autores, permitindo a ampliação do diálogo sobre teorias e práticas. No encarte “Conta de novo?! As famílias e a formação literária do pequeno leitor” é possível encontrar dicas sobre a participação das famílias no processo de formação do leitor, em leituras e contações de histórias. Disponível em: <http://www.projetoleituraescrita.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Encarte.pdf>



Refletir sobre diferentes possibilidades nas quais os adultos possam compartilhar histórias.

Mesmo parecendo pertencer ao passado, com a contação de histórias, a narrativa se torna, ao mesmo tempo, contemporânea e atemporal. Introduzida pelo “era uma vez” e encerrada costumeiramente com orações de passagem — “assim eu ouvi, assim vos passo a história”, entre outras —, o narrador transforma os ouvintes em futuros narradores também. “O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir de novo. Ouvir a voz do outro é caminhar para a constituição de uma subjetividade própria. BOSI, 2006, P. 29

Você e os seus colegas podem aproveitar essa experiência e registrá-la. Dessa forma é possível compartilhar com outros professores a magia do mundo da leitura!



A leitura literária na educação infantil

Cá entre nós

- Leitura na Educação Infantil? Mas as crianças não sabem ler, não é mesmo?
- Qual o papel da leitura literária na Educação Infantil?
- Quando lemos para as crianças, elas estão apenas ouvindo a história?
- O que as crianças aprendem nas situações de leitura pelos adultos?
- O que as crianças aprendem manuseando os livros e lendo ao seu modo?
- Como selecionar e apresentar os livros para as crianças?

Pra fazer

A Coleção Paralapracá apresenta várias sugestões para as situações de leitura literária na Educação Infantil. O modo como os livros serão apresentados para as crianças e como a leitura será feita é fundamental para desenvolver o gosto pela leitura desde muito cedo. Mas, antes de falar disso, vamos refletir um pouco sobre a leitura literária.



■ SÉRIE DE VÍDEOS

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...”

FANNY ABRAMOVICH



Refletir sobre as práticas de leitura literária na Educação Infantil

A literatura tem uma importância fundamental na constituição dos sujeitos, na vivência de experiências imaginárias, no desenvolvimento da sensibilidade estética, na formação do leitor. O universo literário põe em cena a fantasia e a imaginação e tem um papel importante na ampliação de nossas experiências com o mundo e com os outros. Além disso, o encantamento com os livros, as personagens, as aventuras, bem como com a voz que o lê, é uma porta para despertar o prazer das crianças pela leitura.

Se considerarmos que ler é produzir sentido, e não apenas decodificação, então as crianças são leitoras pelos olhos do adulto. Os pequenos leitores realizam uma atividade mental extremamente complexa para construir sentidos e compreender o texto compartilhado pelo adulto, o que faz com que esse momento se constitua em uma situação de leitura para todos os envolvidos.

Leitura... O termo é familiar, mas o que é mesmo que significa? Este é um termo de muitos significados. Entre eles:

Leitura é um exercício linguístico, uma prática que se dá dentro da língua, esta constituição simbólica quase perfeita dos homens. Pela língua, com a língua e na língua o homem se comunica com os outros, transfere emoções, desloca sentimentos, pensa, constrói e reconstrói significados, situa-se e dá sentido à sua vida.

PRAZER EM LER, PUBLICAÇÃO DO INSTITUTO C&A, P. 17

Além de oferecer o universo literário para as crianças e, junto com isso, instigar a curiosidade em relação aos livros e ao que eles trazem, os adultos que leem para elas estão também apresentando características e especificidades do mundo da escrita e, principalmente, compartilhando atitudes e rituais referentes à leitura.

O professor é um mediador de leitura muito importante na Educação Infantil, que o faz, essencialmente, pela oferta e leitura frequente — e bem feita — de livros de boa qualidade literária, para apreciação e deleite das crianças; além de promover momentos da criança a sós com o texto para exploração, apreciação, fruição estética e construção de sentidos.

E as crianças, estão apenas ouvindo a história?

Ao ouvir a leitura, as crianças aprendem sobre os comportamentos e procedimentos leitores, que observam nos mediadores. Tanto aprendem que, em situações de leitura compartilhada ou autônoma — explorando o livro e lendo ao seu modo —, vão aos poucos introduzindo em sua exploração esses comportamentos e procedimentos que observam.

Os comportamentos leitores referem-se a atitudes em relação à leitura e ao ato de ler, importantes para a

★ Sobre o papel da experiência literária como expressão de nossa humanidade e “nutrição emocional e cognitiva”, ver o livro *A casa imaginária*, de Yolanda Reyes, uma obra que deve fazer parte do acervo da instituição para ser lida por todos os profissionais.

🔍 O termo mediador de leitura é muito utilizado para denominar as pessoas que organizam formas e espaços de interação de leitura, ou seja, que proporcionam intencionalmente experiências leitoras a um determinado público.

Este conceito é muito importante, visto que “a criança tem acesso à cultura por meio das interações cotidianas que ela estabelece com as pessoas que a rodeiam. Tais pessoas interpretam, guiam, iniciam, complementam suas ações, de forma que a criança tem nelas um parceiro para realizar o que não consegue fazer sozinha”.

PRAZER EM LER, P. 47

participação em práticas sociais de leitura, como compartilhar a leitura, comentar ou recomendar o que leu, confrontar interpretações, comparar livros, opinar sobre o que leu, identificar-se com o autor ou discordar dele, selecionar o que vai ler, entre outros. Os procedimentos de leitura referem-se a um amplo conjunto de afazeres e rituais que envolvem práticas de leitura, como procurar trechos que interessam, ou, no Ocidente, ler da esquerda para a direita e de cima para baixo, folhear livros de história de maneira sequencial e perceber que há livros em que não há essa exigência...

Todavia, para que a relação com a leitura e a literatura se estabeleça de forma produtiva e prazerosa, temos que pensar sobre a qualidade dos livros que serão lidos e oferecidos às crianças. Quanto mais você conhecer a literatura infantil disponível, mais vai aprender a reconhecer suas qualidades literárias e construir suas referências de seleção. Por isso mesmo, quanto mais você for um leitor de livros infantis, mais terá condições de selecionar bons livros para ler para as crianças.

Além do acervo de clássicos já consagrados, a produção contemporânea tem oferecido livros de alta qualidade literária, que encantam até mesmo os adultos.

Mas que livro e para que faixa etária? Além de pensar sobre a qualidade dos livros, é preciso pensar em sua adequação à idade das crianças. Porém atenção! Essa adequação não é algo tão simples e rígida! A literatura é uma expressão um tanto imprevisível, que escapa aqui e ali de padronizações, de classificações... É preciso uma dose de bom senso e sensibilidade para observar que tipo de livro agrada mais às crianças.



Tomemos um exemplo. Qual a faixa etária mais adequada para o livro *A casa sonolenta*? Será que as crianças da creche, entre 1 e 3 anos, se interessariam por essa história? *A casa sonolenta* possui uma estrutura repetitiva, acumulativa, que favorece a compreensão e a memorização de passagens importantes da história. Depois da primeira leitura todos irão lembrar que na “casa sonolenta toooooodos viviam dormindo...” Além disso, o texto não é muito longo e o livro apresenta uma bela ilustração que se vincula à narrativa para ajudar o leitor na construção do sentido do texto. Portanto, *A casa sonolenta* pode e deve ser apresentada às crianças da creche. No entanto, isso não significa que os maiores não poderão conhecê-la e apreciá-la!

👁 Que tal dar uma olhadinha no vídeo *Assim se Faz Literatura* para observar os comportamentos leitores de quem lê e de quem ouve a história?

★ O capítulo sobre literatura no livro de Craidy e Kaercher (2001) traz algumas considerações em relação à faixa etária dos leitores. Veja lá!

Após a escolha do livro, já está na hora de apresentar a história para as crianças? Ainda não!!! O livro e o seu público já estão definidos, mas a leitura oral da história exige leitura prévia e preparação por parte do professor. E como se preparar? Um bom começo seria experimentar modos de ler para perceber as nuances que a história traz e ensaiar a leitura, inclusive oralmente, observando, por exemplo, que ritmo e entonação a história sugere.

A forma de o adulto ler a história para a criança contribui, ou não, para a compreensão do texto. A leitura em voz alta tem um papel importante na formação de ouvintes ativos e atentos, engajados na produção de sentidos, que vão interagir com os textos e aprender a compreendê-los antes mesmo de serem leitores autônomos.


Por isso, é preciso cuidar da leitura trazendo ao texto uma voz, uma entonação e um ritmo que favoreçam a construção de sentidos. Não se deve ler de maneira descuidada, sem dar ao texto a fluidez e entonação merecidas, muito pelo contrário! Prepare-se para a leitura e deleite-se junto com as crianças! A leitura pode ter suspense, surpresa, susto, medo, tudo isso na modulação sutil da voz. Não precisa ser exagerado, pois é ainda uma modulação própria ao texto escrito. Pausas e silêncios também fazem parte da leitura bem feita.


Na primeira parte do livro *A casa sonolenta*, até a pulga aparecer, a leitura é mais lenta, porque toooooos estavam dormindo. No entanto, na segunda parte, tudo acontece muito rápido e a leitura passa a ser mais acelerada. Essas modulações conferem dinâmica à leitura, favorecendo a graça, o humor, o encanto, a surpresa, bem como a atenção das crianças.

Já viu que não dá para ler um livro para as crianças sem antes tê-lo lido para si mesmo, não é?

E agora, você está preparado para ler a história? Agora é só escolher um momento da rotina propício para a leitura. A leitura literária não merece ser desperdiçada para ocupar o tempo que sobrou na rotina diária. É preciso haver momentos específicos e preestabelecidos para este fim, como, por exemplo, a hora da história ou rodas de leitura. E este momento precisa ser frequente, cotidiano e, sendo assim, muito esperado pelas crianças! Pela própria natureza da literatura, embora se apresente como rotina, será um momento de expectativas, surpresas, descobertas, novidade.

Chegou a hora de ler! Leia o livro mostrando as ilustrações, sem modificar palavras ou expressões, pois sendo a literatura uma arte de palavras, o autor escolheu expressar a história daquela maneira. Além disso,

 Vale lembrar, no entanto, que a compreensão de um texto envolve a construção de sentidos que derivam de complexas operações cognitivas, da produção de inferências e das experiências prévias do leitor/ouvinte. Há no texto lacunas que são por ele preenchidas. Em termos de literatura, essas lacunas são ainda mais presentes e a compreensão do texto envolve aspectos mais subjetivos, singulares, pois não está em jogo aí um sentido único, rígido, predefinido. A hora de conversar sobre as histórias lidas é uma ótima oportunidade de manifestar opiniões, discordar, negociar sentidos coletivamente, considerando o texto, mas também as diferentes compreensões que ele suscitou nas crianças.

 Tão importante quanto planejar a leitura é planejar o espaço no qual ela será realizada. Ligue-se nisso! Veja mais sobre esta questão na seção *Cenários literários*.

esta é uma oportunidade que as crianças terão para compreender algumas funções da escrita como a de registrar e comunicar. Esta é uma das diferenças entre ler e contar histórias. Quando se lê para as crianças, se consideram a arte literária e as escolhas do autor e se compartilham as funções da linguagem escrita, que tem marcas e características próprias, diferindo em alguns aspectos da linguagem falada. Através da leitura oralizada pelo adulto as crianças observam diferenças na organização do escrito em relação ao oral.

Contar histórias também é muito importante. Ambas as práticas despertam a criança para o universo literário e fazem parte de sua formação leitora. A leitura realizada pelos adultos, entretanto, é a única possibilidade que crianças ainda não leitoras têm para conhecer o mundo da escrita e dos livros.

Na prática de ler histórias, a centralidade é o objeto livro, quem lê segura o livro, passa as páginas, segue o texto, mostra as ilustrações, empresta-lhe a voz. Na narração oral, sem livro, o foco é o contador, como é discutido na seção *Quem conta, reconta e faz de conta*, neste caderno.

Na leitura oral, entretanto, é muito importante buscar a vivacidade do texto pela voz, o ritmo, a entonação, pois há um deslocamento, de qualquer modo, do foco do texto para a interação entre leitor e ouvintes. Trata-se aí de uma interação mediada pelo livro, da mesma forma que a interação da criança com a história é mediada pela voz de quem lê.

Se, por um lado, na contação há a presença viva e envolvente do contador, na leitura, por outro, há a beleza das imagens e seu papel na construção dos sentidos, bem como a descoberta fascinante da possibilidade de uma história poder ser sempre contada do mesmo jeito e estar sempre ali, guardada no livro, não é mesmo?

Por fim, assim como os adultos, as crianças sentirão vontade de comentar a história, de fazer perguntas, de reler alguns trechos, de rever as imagens, de opinar sobre a história... e muitos outros comportamentos leitores que vão se tornando cada vez mais presentes e naturais para elas. Este é um momento imprescindível para aprender a gostar de ler.

Você pode alternar, na rotina semanal, momentos de leitura, contação de histórias e de exploração dos livros pelas próprias crianças. Nos momentos de exploração pelas crianças, elas vão poder folhear os livros, explorar as ilustrações, experimentar procedimentos leitores espontaneamente, brincar de ler, recuperar o enredo pelas ilustrações e pelo que já sabe da história ouvida, e recontá-la.

★ Aos poucos você pode ir tornando observável para as crianças alguns aspectos do objeto livro, como a capa e a contracapa, a indicação do autor, do ilustrador, eventualmente do tradutor, e da editora, elementos que vão fazendo com que a criança vá interagindo com as especificidades desse objeto, e não apenas com o seu conteúdo.

★ Para compreender um pouco mais sobre as diferenças entre ler e contar, veja a seção *Quem conta, reconta e faz de conta*, neste caderno.

Lá

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- BRANDÃO, A. C. P. e ROSA, E. C. de S. *Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil*. In: *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- KAERCHE, Gladis Elise. *E por falar em literatura*. In: _____. *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LOIS, Lena Vilanova. *Teoria e Prática da Formação do Leitor: o uso da literatura em sala de aula*. Salvador: Instituto Newton Rique, 2001.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- A Coleção Taba foi uma publicação brasileira lançada em 1982 pela Editora Abril Cultural. O projeto teve, no total, 40 fascículos lançados e trazia a cada fascículo um livrinho ilustrado com histórias escritas especialmente por autores brasileiros, além de dramatizar o texto em disco musical nas vozes de cantores nacionais conhecidos e conceituados. Foi um projeto inovador que teve a coordenação da atriz e escritora Sônia Robatto e constituiu-se numa coleção para o público infantil que apresentava textos escritos por Joel Rufino dos Santos, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ilo Krugli, Maria Clara Machado, Sylvia Orthof, Memélia de Carvalho, Magui, Myrna Prinsky, Luis Camargo, Cristina Porto. Já as melodias foram compostas ou interpretadas por nomes como Chico Buarque de Hollanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Gal Costa, Secos e Molhados, Ney Matogrosso, João Gilberto e outros.

Sites

- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: <<http://www.fnlij.org.br>> Neste site você encontra muitas referências de projetos ligados à leitura e outros links importantes.
- Blogs sobre literatura infantil: <<http://dobrasdaleitura.blogspot.com.br>>, <<http://roedoresdelivros.blogspot.com.br>>.
- Portal Cultura da Infância: <<http://www.culturainfancia.com.br>>. O Portal Cultura Infância (PCI) nasce com a proposta de concentrar num mesmo espaço virtual o maior número de informações possível a respeito do universo da criança, considerado a partir dos seguintes aspectos: arte, cultura, comunicação e educação.

Lendo as ilustrações

Cá entre nós

- As ilustrações nos livros infantis apenas repetem o que o texto verbal diz?
- Que relações a imagem pode estabelecer com o texto escrito?
- Como ajudar as crianças a produzir sentido no cruzamento entre imagem e texto escrito?
- Como ler livros de imagem, sem texto?

Pra fazer

Você já se deu conta de que a função da ilustração nos bons livros infantis não é torná-lo mais fácil ou compreensível, nem repetir, necessariamente, o que o texto diz? Se não, comece a prestar atenção na relação entre a imagem e o texto em livros diversos e verá que as ilustrações, muitas vezes, propõem uma significação articulada à do texto, uma apreensão conjunta do que o texto e a imagem dizem. Nesses casos, ambas as linguagens — verbal e visual — têm um papel na construção dos sentidos das histórias e, muitas vezes, desafiam o leitor com jogos sagazes, que o surpreendem a cada página.



As imagens, cujo alcance é sem dúvida universal, não exigem menos do ato de leitura. Nisso talvez resida um mal-entendido crucial. Considerada adequada aos não alfabetizados (...), é raro que a leitura de imagens resulte de um aprendizado, uma vez que ela irá paulatinamente desaparecer da nossa trajetória de leitores. Ora, assim como o texto, a imagem requer atenção, conhecimento de seus respectivos códigos e uma verdadeira interpretação.

SOPHIE VAN DER LINDEN



Refletir sobre o papel das ilustrações na leitura do livro infantil.

Então, a proposta é esta! Experimente observar nos livros infantis as diversas relações que a imagem pode estabelecer com o texto. Ela é só ilustrativa do que diz a informação verbal, repetindo o que dizem as palavras, ou sugere novas compreensões? Mostra o todo da cena narrada ou um detalhe? A imagem amplia ou complementa o texto? Ela brinca com o que o texto diz, propondo novas leituras, mostrando algo diferente ou até o contradizendo? Deixa espaço para a imaginação, para diferentes interpretações?

Depois que você fizer suas primeiras descobertas, experimente observar como as crianças vão apreendendo esse jogo entre as duas linguagens, ao compartilhar a leitura de histórias com as crianças. Experimente ir provocando a atenção delas ao que as imagens revelam, mas sempre deixando que façam suas próprias descobertas!

Você já reparou que há histórias sem texto? Nos livros de imagem, sem a presença da linguagem verbal, a história é mostrada. São histórias para ver. Com uma linguagem própria, as imagens narram, e para lê-las é preciso mais do que um simples olhar. Exige ato interpretativo. A leitura das imagens em sua sequencialidade é que vai permitir a apreensão da narrativa. Ou seja, em uma narrativa visual, a história só é contada porque as imagens trazem os elementos próprios da narrativa, como o enredo, as ações, o espaço, o tempo e os personagens.

As histórias sem texto podem também ser oralizadas, conforme o universo particular dos leitores, a interpretação que forem dando à narrativa. É um ótimo recurso para as crianças inventarem a história, expressarem-se oralmente diante das imagens, negociarem sentidos, opinarem. O professor pode colocar questões, provocando antecipações e descobertas. Mas atenção: não se trata de dar para as crianças — ou esperar delas — a sua própria interpretação! Deixe que elas “mergulhem” nas múltiplas possibilidades de narrativas que emergirão das ilustrações! Assim elas vão elaborando e sofisticando suas próprias narrativas.

★ Veja no Caderno de Orientação *Assim se Faz Arte*, da Coleção Paralapracá, a parte sobre ilustração. Lá, a ilustração é abordada como arte visual, composta de elementos como cor, forma, texturas, linhas, perspectiva, composição. Estes elementos, sem dúvida, contribuem para estruturar a narrativa. No entanto, aqui a ilustração é abordada como linguagem que dialoga com o texto escrito na construção do sentido. A apreciação das ilustrações, do ponto de vista da linguagem visual, de suas potencialidades expressivas, se soma, assim, a sua leitura no diálogo com o texto, em sua sequencialidade página a página.

🔍 Diferentemente de uma pintura ou de uma arte gráfica única, com a imagem fixa, a ilustração de histórias infantis implica uma leitura temporal, sequencial, própria da narrativa, cujo movimento é dado pelo virar das páginas, não pelas imagens isoladamente. E é justamente devido a essa sequencialidade que histórias podem ser contadas apenas através de imagens, sem texto. Entretanto, é bom lembrar que, contemporaneamente, temos narrativas — verbais ou visuais — que oferecem possibilidades de leitura variadas, não apenas linear, mas aos saltos, de trás para frente, indo e vindo, deixando lacunas, interagindo com o leitor...

★ A tecnologia é uma ótima parceira para ampliar o acervo literário. Há muitas obras disponíveis na internet. Faça uso delas. As crianças adoram também!

Lá

- LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naif, 2011, p. 8.
- RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.



Quem conta, reconta e faz de conta

Cá entre nós

- Por que é importante contar histórias para as crianças?
- Quais as diferenças entre ler uma história e contar uma história sem livro? E dramatizar?
- Como planejar o momento de contação de histórias para encantar os ouvintes e incentivar a magia?
- Você propõe momentos para a contação de histórias na rotina do seu grupo?

Pra fazer

PROPOSTA 1

Quando estou contando uma história, é como se passasse um filminho na minha cabeça [...] e eu conto o que estou vivendo.

CHICO DOS BONECOS

Quando eu conto uma história, trago a minha experiência. Às vezes, eu encanto não pela história, mas pelo que vem de mim na história.”

SILVIO CARVALHO



■ SÉRIE DE VÍDEOS

■ ALMANAQUE PARALAPRACÁ

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de crianças e narra uma história, na verdade, cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória.

HELOÍSA PRIETO



Refletir coletivamente sobre a importância de contar histórias e como fazê-lo.

A prática de narrar histórias oralmente é bastante antiga e agrada muito aos bebês e às crianças. Ao contar histórias de tradição oral, contribuímos para que elas experimentem essa prática milenar de transmissão cultural, através de um repertório originário das crenças e dos costumes de determinada localidade que são passados de geração para geração. Ao narrar oralmente, o professor promove a recuperação e a manutenção dos contos populares, transmitindo a memória coletiva de nossa cultura oral, universal ou brasileira.

Mas não é apenas o professor que pode exercer este papel de contador. Em muitos casos, os funcionários da instituição, pessoas da comunidade ou os familiares podem ser os parceiros ideais para essa prática. Em todas as situações, a contação precisa ser muito bem preparada.

No caso de a contação ser feita pelo professor, é necessário que a história, antes, torne-se dele para que se sinta à vontade em contá-la de modo expressivo e natural, cativando os ouvintes. Por esse motivo, além de explorar as histórias do *Almanaque Paralapracá* e dos livros de contos tradicionais, é interessante o educador também buscar aquelas histórias que marcaram sua própria vida e que, porventura, saiba contar de memória.

Em relação aos funcionários e comunidade, é preciso ter um contato anterior com o convidado, se possível ouvir a história antes, contar um pouco sobre as crianças, saber a origem da história, enfim, familiarizar-se com esse contexto para preparar de forma cuidadosa a tão esperada hora do conto!

Mas o que fazer para envolver e encantar as crianças no momento da contação?

O ato de contar histórias requer não apenas o saber contar a história, mas como contá-la. Vamos lá? Que tal a organização de um encontro para assistir ao vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapracá, a fim de descobrir diferentes aspectos sobre a arte de contar histórias? É interessante observar as ações e a linguagem utilizada por quem conta histórias, os recursos de que lançam mão e os espaços onde elas são narradas. Bons exemplos disso são o da professora que conta a história brincando com uma minhoca de pano para dar movimento à narração e o das crianças que contam e dramatizam a lenda do boto.

Lembre-se de que o foco da contação é justamente

★ É bom lembrar que há no universo das formas narrativas literárias para a infância outros gêneros, além dos contos, como as fábulas e as lendas, por exemplo.

★ Veja o que diz o menu do *Almanaque Paralapracá* sobre Contação.

🔍 Sabia que contar histórias é diferente de ler? Essas duas práticas, ambas importantes, diferem em vários aspectos. Ao contrário do que foi dito sobre a leitura, na contação de história, o contador pode mudar a linguagem e contar do seu jeito, não é necessário ser fiel ao registro escrito. Há sempre alguma recriação do texto memorizado e é natural que as histórias sejam contadas cada vez de um modo, em um jogo entre transmissão e transformação. Isso porque as narrativas da tradição oral representam a voz anônima do povo e, mesmo quando registradas por escrito, ganham vida mesmo é na experiência concreta de contar. A performance do contador é cada vez única, pois a interação com os ouvintes é sempre singular.

★ Por vezes a expressão “contação de histórias” refere-se mais amplamente ao ato de contar, com ou sem livros. Em outras situações, a expressão indica um contraponto entre a leitura do livro e a narração oral, sem o livro, seja de textos da tradição oral ou obras memorizadas. É bom prestar atenção em que sentido a expressão está sendo usada em diferentes contextos!

o contador, não o livro. E, assim, dentre alguns recursos de que se vale o contador para dar sentido ao que conta, estão os gestos, movimentos, olhares, entonações, expressões faciais, silêncios, que são elementos muito importantes na sua performance, naquele acontecimento narrativo que é único.

PROPOSTA 2

Tem diversas maneiras de se contar uma história e as crianças se ligam muito nas palavras e no enredo e na maneira como está organizado o texto.

CHICO DOS BONECOS

As crianças gostam de ouvir histórias desde pequenas, mas essas narrativas devem ser apropriadas e contadas de maneira adequada à faixa etária dos ouvintes. Isso acontece quando são escolhidas histórias que também encantem o contador e este se envolve de corpo e alma.

Quem de nós nunca ouviu um “conta outra vez”?

Que tal viver essa sensação? É só experimentar, convidando as crianças para ouvir a história *A menina dos brincos de ouro* que está na seção *Contação* do mês de fevereiro no *Almanaque Paralapraca*.

No decorrer dessa narração há alguns trechos que as crianças poderão falar ou cantarolar juntas, como:

Canta, canta meu surrão, senão te meto este bordão.

Os momentos de ouvir histórias podem se tornar ainda mais encantadores quando as crianças são convidadas a formar uma roda em que cada uma encontre um jeito gostoso de ficar e são incentivadas a participar da narração criando ou imitando a voz das personagens, repetindo sons de passos, ruídos, onomatopeias, ou cantarolando uma passagem da história.

E tem mais: além de ouvir histórias ser uma forma de vincular-se às narrativas, aos livros, à leitura, também é um modo de vincular-se àquele que conta. A criança experimenta prazer e senso de proteção por sentir-se acolhida ao lado do adulto que conta histórias. A afetividade está em jogo nessa proximidade, no tom da voz, no olhar, no compartilhamento da magia e do prazer daquele momento. Por isso não é a mesma coisa ouvir um contador e ouvir uma história registrada em CD, DVD ou em qualquer outro meio tecnológico. É bom também, mas não tem o mesmo calor humano, a mesma interação, a mesma troca afetiva.

★ Existem diferenças também entre contar e representar histórias, cada prática envolve preparação, funções, recursos e performances diferentes. A contação pode até incluir elementos cênicos, adereços, fantoches e dedoches, mas dramatizar, fazer teatro, é outra coisa. Há vários modos de contar histórias, que dependem do estilo e gosto de cada um: escolha e cultive o seu jeito! Mas é bom saber: a sutileza nas entonações, nas vozes e no ritmo que confere a intenção do texto, é geralmente mais apropriada do que o exagero. Pense nisso!



👁 Envolver as crianças no momento de contação de histórias.

Elementos sonoros, músicas e adereços podem ser bem interessantes para complementar a narração e enriquecer o momento de magia e faz de conta. Use materiais como dedochê, fantoche, instrumentos musicais, chapéus e tecidos, entre outros. Mas lembre-se: ao contar histórias, esses recursos são acessórios, não devem roubar a cena, o encanto da escuta, nem as possibilidades imaginativas das crianças!

Uma forma interessante de proporcionar a interação das crianças com as histórias é propor que elas as recontem. E há muitas formas de fazer isso. No vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapraca, elas recontam a lenda dramatizando a história do boto. É possível ainda fazer a hora de reconto, convidar outras crianças para ouvir e, quem sabe, fazer também um evento que envolva os pais. Uma boa hora pode ser no momento da saída!

★ Você pode incluir na contação as encantatórias como acalantos, parlendas, adivinhas, no início ou no fim das histórias, bem como fórmulas de abertura e fechamento. Veja no vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapraca, o que Stela Barbieri fala sobre isso.

★ Não se esqueça de que as crianças são grandes contadoras de histórias! Misturando fantasia, imaginação, realidade vivida e referências diversas de tantas outras narrativas de seu repertório, elas inventam histórias e devem também ter o seu momento de poder contá-las!

Lá

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- BEDRAN, Bia. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1997.
- INSTITUTO C&A. *Prazer em ler*. Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura. Realização: Cenpec, 2006.
- MELLON, Nancy. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Rouo, 2006
- PRIETO, Heloísa. *Quer ouvir uma história: lendas e mitos no mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XXI, p. 41.
- <<http://www.jangadabrasil.org>>. Site de cultura popular que traz diversos contos tradicionais, poesia oral, brincadeiras, dicas.

Brincando com a linguagem: a vez da poesia



ALMANAQUE PARALAPRACÁ

Cá entre nós

- Que brincos, parlendas, trava-línguas, quadrinhas e adivinhas você sabe de memória? E as crianças? E suas famílias?
- Qual o lugar da cultura oral na Educação Infantil?
- Como se brinca com a linguagem?
- Brincar com a linguagem oral ajuda a leitura e a escrita?
- O que os textos poéticos da tradição oral têm a ver com a poesia literária?

Pra fazer

PROPOSTA 1

Toda cultura tem um repertório oral que introduz as crianças no mundo da linguagem em geral e da linguagem poética em particular, como também nas características dessa cultura. O primeiro contato da criança com a poesia é através dos textos poéticos da tradição oral, muito presentes desde a primeira infância, como os brincos (parlendas para bebês), as parlendas, os acalantos. A poesia oral é a fonte primeira de experiências lingüís-

As fontes da literatura localizam-se justamente na poesia folclórica original; daí a materialidade da palavra, que se faz antes musical e imagética, para só muito mais tarde ser escrita. Pode-se dizer que à poesia infantil cabe o papel de conservar a natureza mais profunda de qualquer povo, porque faz reviver as primeiras experiências do ser humano com a linguagem, explorando suas possibilidades expressivas

AGUIAR E CECCANTINI, 2012, P. 7



Refletir sobre a importância dos textos da tradição oral no desenvolvimento da linguagem oral e de sua dimensão cultural

ticas, poéticas e culturais das crianças, juntamente com as narrativas, e lhes proporciona imenso prazer.

As crianças têm uma sensibilidade natural para o poético, através do tecido melódico e rítmico formado por jogos sonoros, pelas rimas, aliterações, assonâncias, onomatopeias, paralelismos, pela métrica regular, pelas repetições, pelos refrões e pela versificação própria às formas orais da poesia. Esses recursos tornam a poesia uma brincadeira com a linguagem.

Os textos da tradição oral são, assim, objetos de brincadeiras orais. Brincar com eles, usá-los, é usar a linguagem, é brincar com a linguagem, com sua musicalidade. Linguagem e brincadeira se unem na poesia e o prazer está ligado aos jogos de palavras, ao ritmo, à melodia, às sonoridades que fazem apelo aos sentidos e, por vezes, aos jogos semânticos. Essas características e a familiaridade com elas têm um importante papel no desenvolvimento da linguagem oral e são muito produtivas também para aprendizagens relacionadas à leitura e escrita.


Brincar com quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, acalantos e os vários tipos de parlenda favorece a apreciação e valorização da cultura oral, do imaginário popular, e propicia o desenvolvimento da oralidade e da sensibilidade poética. Para os bebês tem um importante papel na apropriação da linguagem. Sem contar a afetividade que vai junto com a voz que os entoam...


Além disso, muitas vezes, esses textos orais acompanham, de fato, brincadeiras corporais. É essa dimensão cultural e lúdica da poesia oral, assim como sua espontaneidade e suas sonoridades, que chama a atenção das crianças.


Uni duni te, salame mingué... Como trazer a poesia oral para suas crianças? Que tal pesquisar no *Almanaque Paralapraca* e nos livros que você tem à disposição na sua instituição? Quais delas você conhece? É importante trazê-las para as crianças oralmente, memorizadas, já que, lidas, perdem muito de sua dimensão de texto oral, uma vez que são gêneros que têm a voz como matéria-prima e a memória como registro.

Você pode trazê-las em si mesmas, para brincar e desafiar as crianças, para escolher objetos ou pessoas ou recitá-las antes e depois da contação de histórias...

Que outros textos da cultura popular você conhece e sabe de memória, de seu repertório infantil ou não, e como professor da Educação In-

 Já reparou que nesses gêneros orais a melodia precede o sentido, importando mais a forma que o conteúdo? Muitas vezes, a curiosidade das crianças e a fruição pelo sonoro é o que está em jogo. Como diz Huizinga, a manipulação lúdica dos sons da língua, independentemente dos significados, faz parte do desenvolvimento linguístico dos pequenos. De qualquer modo, em termos de sentido, geralmente as formas poéticas orais trazem nonsenses, contrassensos, ilogismos, o que, junto com as sonoridades, conferem-lhes a natureza de jogo.

 Bordini (1986) diz que “poesia é brincar de criança” e o poeta José Paulo Paes, em seu poema *Convite*, nos fala: “Poesia é brincar com palavras/ como se brinca/ com bola, papagaio e pião...”. Huizinga (1980) confirma: “O que a linguagem poética faz é essencialmente jogar com as palavras”. Veja no *Caderno de Orientação Assim se Brinca* a parte que fala também sobre brincar com as palavras. Há uma relação estreita entre poesia e jogo, e essa afinidade se dá também pela própria estrutura libertadora, subversiva, não convencional da imaginação criadora.

 Experimente com as crianças os vários tipos de parlenda, como as fórmulas de escolha (Lá em cima do piano...), os brincos (Marra-marra carneirinho...), os lenga-lengas (Hoje é domingo...), as mnemônicas (1,2, feijão com arroz) ou aquelas que acompanham brincadeiras corporais (Rei, capitão, soldado, ladrão...).


fantil? Quais você conhece em mais de uma versão? Quais de suas crianças já sabem e usam? Saber de cor é saber “de coração” e recordar significa “passar pelo coração”; o repertório de cada um está, muitas vezes, carregado de afetividade. Que tal começar a compor o repertório de seu grupo a partir do que as crianças já sabem e de seu próprio repertório? É bom lembrar que o encontro entre o professor e as crianças em torno desses textos implica uma interação cultural.

PROPOSTA 2

Que tal explorar os textos poéticos da literatura trazendo alguns poemas para a apreciação das crianças? Muitos autores de literatura, infantil ou não, reconhecem o valor das formas populares da poesia na iniciação poética das crianças e se apropriam de fontes e formas populares da literatura oral, escrevendo poemas muito próximos da poesia oral, familiar às crianças, oferecendo-lhes algo que já conhecem de modo mais estilizado, com um maior trabalho estético, reconhecimento e novidade. Experimente!


Pesquise os autores José Paulo Paes e Sérgio Capparelli, leia para si alguns poemas e selecione os que você acha que pode encantar as suas crianças. Perceba-os como jogos de linguagem, brinque com eles e não se esqueça de ensaiar a leitura!

Use cantigas, acalantos e parlendas para experimentar com as crianças os ritmos, a musicalidade e a sonoridade! Rime palavras mesmo sem sentido, e sugira que elas façam o mesmo. Traga outros elementos (algodão, areia, água, gelo, sachê com cheirinho, chocalho, etc.) para compor a experimentação relacionando as sensações de brincar com eles e tocá-los com as palavras que os nomeiam. Afinal, o corpo também pode fruir na apreciação poética.

 Os textos da cultura popular são transmitidos oralmente de geração a geração, por isso são aprendidos em todos os cantos, nas interações com outros adultos e crianças. Não têm autor, pois a autoria se perdeu na memória coletiva, e por vezes aparecem em diferentes versões. É, pois, considerando sua natureza anônima, cultural, oral, lúdica, que vão circular entre as crianças, em sua forma original e objetivos primeiros, que é brincar, memorizar, recitar, cantar, desafiar, rir, interagir. Só depois é que poderão ser objetos de reflexão sobre a escrita.



 Propor a leitura de poemas para as crianças.

 Lembre-se, na poesia não é apenas o sentido que importa, mas também sua materialidade sonora. Poesia é encontro de sentido, imagens poéticas e sonoridade e, muito frequentemente, a materialidade sonora é mais enfatizada do que os significados. E atenção! Os sentidos são geralmente múltiplos, polissêmicos, abertos a diversas interpretações, à imaginação, e a serviço do encanto, do valor estético, sempre! É isso que, junto com o trabalho poético sobre as sonoridades, faz de um texto versificado, poesia, literatura.

Lá

- AGUIAR, V. T. de e CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo, Assis: Cultura Acadêmica/Anep, 2012.
- BORDINI, M. da G. *Poesia infantil*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva/ Edusp, 1971.
- PARREIRAS, Ninfa. *Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.
- SORRENTI, N. *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- <www.jangadabrasil.org>. Site de cultura popular que traz diversos textos da tradição, brincadeiras, dicas; ver especialmente a seção *Catavento*, direcionada mais especificamente às crianças.

Os bebês, a leitura e a literatura

Cá entre nós

- O que significam a literatura, a leitura e os livros para os bebês? O que eles entendem?
- É importante organizar espaços de leitura para eles?
- Como organizar o espaço e os materiais para incentivar a leitura e o desejo de ouvir histórias pelos bebês?

Pra fazer

Os bebês gostam de ouvir histórias! Não importa se não entendem o enredo do que você lerá ou contará para eles. Eles têm, mesmo assim, prazer em escutar, e essa escuta os coloca em contato com outras dimensões da linguagem oral e escrita, que são importantes para o seu desenvolvimento. A literatura é uma via de contato dos bebês com sensações e emoções e, como o brincar, ativa a sua imaginação. Além disso, quando os bebês ouvem histórias e tentam repetir palavras, também estão desenvolvendo a linguagem oral, mesmo que não saibam falar.

Além de desenvolver a linguagem oral, o contato dos bebês com os livros — ouvindo histórias ou manusean-



ALMANAQUE PARALÁPRACÁ

Quando um livro permite a criança brincar, se colocar na história, recriar fantasias, se subjetivar, ele é como um brinquedo. Isso porque o brinquedo é o primeiro objeto cultural introduzido na vida do bebê. Por meio do brinquedo, ele se conhece, se comunica, interage com o meio ambiente e com os outros. E, por meio do livro, pode se colocar, pode imaginar, pode se divertir, pode compartilhar experiências com outras pessoas.

NINFA PARREIRAS



Compreender as especificidades do trabalho com a leitura e literatura com os bebês.

do-os — ajuda a inseri-los no mundo da representação, fazendo-os perceber que as imagens não são as coisas em si. Eles aprendem a apreciar as imagens, a apontar e a nomear o que veem (ainda que sem palavras) e percebem aos poucos o que são e para que servem os livros. Começam a perceber também diferenças entre a fala e a leitura oral.

Logo mais podemos observá-los balbuciando em um tom de leitura, folheando páginas, brincando de contar a história ou nomeando as personagens.

Há livros mais indicados para ler para os bebês ou para o seu manuseio, e também é muito importante a narração oral de histórias, pois, nesse caso, objetos sonoros, instrumentos, dedoches, fantoches, adereços e músicas, muito apreciados pelos pequenos, podem ser incluídos. Antes e depois da contação, acalantos, brincos e cantigas ajudam a entrar no clima.

Os bebês apreciam muito as sonoridades de textos poéticos como acalantos e parlendas, são naturalmente sensíveis ao ritmo, às sonoridades e melodias. Como diz Yolanda Reyes no livro *A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância*: “O bebê ingressa na língua materna por essa via: sonora, emotiva, poética” (2010, p. 40).

Na leitura compartilhada pelo adulto, a sensibilidade que os bebês têm para com os ritmos, cadências e sonoridades vai lhes mostrando a diferença entre a fala coloquial e a leitura, bem como aguçando sua sensibilidade para as sonoridades da língua falada. Os bebês se envolvem com a voz de quem lê, com as interações em torno da leitura e com todos os recursos que podem se fazer presentes no compartilhamento da história, como gestos, olhares, modulações da voz, onomatopéias, elementos sonoros.

As primeiras explorações dos livros pelos bebês são com o livro como objeto: o que está em jogo é manipulá-lo, saber que objeto é esse, ganhar familiaridade com ele. E faz parte dessas descobertas aprenderem aos poucos sobre o que eles trazem. Mas, até lá, eles os exploram como objeto em si mesmo.

Assim, para educadores que interagem com crianças de 0 a 3 anos, é importante ficar atento aos livros que são mais apropriados para o manuseio, independentemente de crianças dessa faixa etária, e os que são interessantes de ler para eles: livros de borracha, de plástico, de tecido; livros cartonados; livros sonoros; livros com imagens grandes e bem coloridas; livros de tamanhos variados, pop-ups com dobraduras; livros com texturas, com figuras de alto relevo...

O modo de explorar e conhecer o mundo dos bebês é sensorial; portanto, é natural que eles levem os livros à boca, chupem, mordam, os chacoalhem, os arremessem, podendo rasgá-los, babá-los ou sujá-los. Só

★ Observe no vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapracá, as interações dos bebês com os livros mostrados pela professora.

★ Lembre-se de que é necessário respeitar o tempo de concentração dos bebês, e nesse caso, muitas vezes, funciona melhor a contação individual ou em pequenos grupos. A roda é uma forma de estruturar o espaço que vai se construindo à medida que as crianças crescem um pouco.

aos poucos, e pela interação com eles, é que vão aprendendo a utilizá-los de outras maneiras.

É bom lembrar também que, para os bebês, não existe a sequencialidade no folhear das páginas, a linearidade ainda não faz parte de suas experiências com os livros. Eles também ainda não sabem que, numa história, esse folhear denota o movimento temporal da narrativa. Ademais, há muitos livros que podem ser abertos e lidos de outros modos que não na sequência linear, não é mesmo? Assim, deixe-os livres para explorar os livros dos modos que lhes são próprios. Eles descobrirão muitas coisas apenas observando a leitura que você fará para eles e os manuseando.

PROPOSTA 1

Procure arrumar o ambiente de forma lúdica, com elementos que tragam variedade de texturas, formas e sons, além de objetos que os bebês já conhecem e com os quais estão acostumados: bonecos e fantoches, instrumentos musicais e livros diversos. Convide as famílias para um momento de interação e mediação de leitura junto com seus filhos. Estimule cada família a interagir com seu bebê lendo para ele, cantando a cantos e cantigas, fazendo brincadeiras e trocando afetos. Você verá como é um momento encantador e o quanto todos os envolvidos gostam e se divertem!

Lá

- HOFFMANN, Jussara e SILVA, M. Beatriz G. *Ação educativa na creche*. Cadernos de Educação Infantil. Vol. 1 — Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007. Neste livro há várias experiências sobre a contação de histórias para crianças bem pequenas. Destaques para: *Bebês também gostam de histórias* (p. 16), *Era uma vez* (p. 41), *Dia e noite* (p. 55) e *Ouvindo histórias* (p. 60)
- MANZANO, Cinthia. *Interação no berçário*. Revista Avisalá. São Paulo, nº 38, maio, 2009.
- PARREIRAS, Ninfa. *Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- O material didático do curso “Leitura e Escrita na Educação Infantil”, do

★ Para os bebês, uma bebeteca pode ser organizada para que explorem os livros como se fossem brinquedos. Os livros devem estar ao seu alcance e podem ser frequentemente mudados de lugar na estante. Assim sempre haverá novidades chamando-lhes a atenção. Mas se ligue! O livro como brinquedo não tem apenas essa dimensão do objeto livro, mas uma dimensão mais ampla da qual fala Ninfa na citação inicial desta seção.

★ O capítulo do livro *Do ventre ao colo*, de Ninfa Parreiras, aborda os diferentes tipos de livro adequados aos bebês, considerando sua segurança e seu modo próprio de interagir com os livros.

👁 Promover momentos de leitura para bebês e crianças pequenas, contribuindo para o fortalecimento de vínculos entre eles e as pessoas de sua família.

Ceale — Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, é constituído por uma coleção de oito cadernos, além de um caderno de apresentação e um encarte destinado às famílias das crianças. Os textos foram escritos por diferentes autores, permitindo a ampliação do diálogo sobre teorias e práticas. No Caderno 4, Bebês como Leitores e Autores, é possível encontrar experiências interessantes com bebês, além de discussões fundamentadas sobre o tema. Disponível em: http://www.projetoleituraescrita.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Caderno_4.pdf

Cenários literários

Cá entre nós

- De que forma podemos organizar o espaço e os materiais para provocar o desejo de ouvir histórias e incentivar a leitura?
- Cenários literários são apenas compostos por livros?
- Quais os outros materiais necessários para compor esse ambiente?

Pra fazer

Você já teve oportunidade de explorar diferentes recursos e acessórios para apoiar as suas ações? Se sim, saberá que existem vários materiais de qualidade para serem manuseados pelas crianças e educadores!

Ainda não explorou, não fez esta pesquisa para descobrir os tesouros que, por vezes ficam meio “escondidos” na sua instituição? Então, esta é uma boa oportunidade para descobrir os materiais e os livros que poderão ajudar na composição de cenários literários para as crianças.

Afinal, os elementos que compõem o ambiente



■ SÉRIE DE VÍDEOS

■ ALMANAQUE PARALÁPRACÁ

Todos nós humanos, especialmente as crianças, temos uma incomensurável necessidade de fantasiar, de imaginar, de criar mundos. Neste sentido, a literatura pode ser um espaço privilegiado para que a criança, por meio do faz de conta, vivencie a sua forma primordial de ser e estar no mundo, ou seja, brincar.

VITÓRIA FARIA



Organizar cenários que despertem o desejo de manusear livros e ouvir histórias.

também são mediadores de aprendizagem, assim como você, portanto é muito importante caprichar nas escolhas!

Há muitas formas de organizar os cenários literários! Podem ser uma biblioteca da escola/instituição ou da sala, o cantinho da leitura ou da imaginação, ou mesmo cenários temporários, onde se cria a magia para momentos específicos, como, por exemplo, ao fazer uma cabana dentro da sala. Ah, as histórias também podem ser lidas e contadas embaixo de uma árvore, no pátio da escola ou em qualquer lugar que a imaginação alcançar!

Para iniciar a montagem de um cenário é importante lembrar:

- Que o espaço deve proporcionar conforto às crianças, para que elas possam ficar à vontade para manusear os materiais.
- Que os livros devem estar sempre à disposição das crianças. É importante que sejam guardados em prateleiras, caixas ou pequenas estantes com altura adequada.
- De coletar materiais diversos que sirvam para compor cenários de histórias, como malas, baús, tecidos, esteiras, edredons, almofadas, divisórias, fantasias, fantoches, maquiagens, bijuterias, móveis, cadeirinhas, etc.
- De diversificar os materiais nos espaços permanentes: revistas infantis, CDs de história, livros para rir, poemas, quadrinhos, histórias sem palavras, livros de conhecimento (realidade artística, científica, técnica...), contos, lendas, livros grandes e pequenos, com figuras em relevo, páginas com dobraduras, etc.
- Que o espaço é um grande motivador para a leitura. Ele deve estar organizado de maneira que instigue a curiosidade e atraia o leitor.
- Que o espaço escolhido para montar o cenário ou banquete literário deve ser agradável, arejado e seguro. Assim, as crianças se sentirão bem e terão vontade de interagir novamente com o ambiente, os livros, os materiais e as outras crianças também.

Cada vez que você for trazer o vasto repertório da literatura para suas crianças, é bom antes pensar nesses aspectos, para compor um cenário literário adequado a suas escolhas. Assim como o brincar, a literatura põe em cena a imaginação das crianças.

Que elementos, além da própria história, você pode utilizar para cativar a atenção delas e o encanto do momento, e para tornar mais rico esse encontro envolvente com a literatura? O espaço, o tempo, a preparação para contar, os recursos que você pode usar, a entonação, sua performance de leitor ou contador, a entrada no clima, tudo isso vai contribuir para a magia do momento.

★ Nos espaços permanentes, como a biblioteca ou cantinho de leitura na sala, lembre-se de que é importante dar liberdade de escolha às crianças para selecionar o que querem folhear e para lerem ao seu modo. Por outro lado, é interessante também prever alguns momentos em que você possa oferecer a riqueza de sua experiência como leitor nessa seleção.

★ No vídeo *Assim se Faz Literatura*, da Coleção Paralapracá, há trechos com diferentes cenários para as crianças. Vale a pena dar uma olhada nas cenas com os bebês!

Que tal, então, escolher uma história que tenha gostado muito e que considera adequada à faixa etária das crianças com as quais atua? Você vai lê-la ou contá-la? Cabe nessa história utilizar alguns elementos sonoros ou parte cantada? Que materiais e objetos combinam com a história que você escolheu e podem ajudar a torná-la ainda mais fascinante?

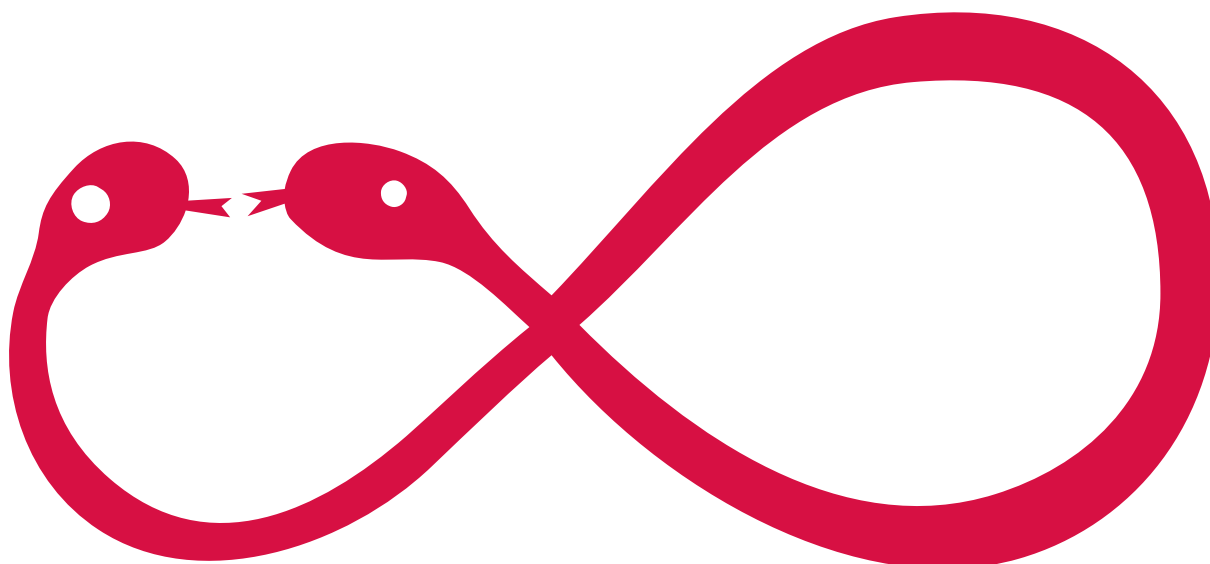
A leitura e a contação não são as únicas possibilidades de trazer a literatura para as crianças. A dramatização, o teatro de fantoches, de dedoches ou de sombras, assim como as histórias cantadas, são outras formas também. Mas, lembre-se, são práticas diversas, cada uma tem funções diferentes e exige recursos e preparação também diferentes.

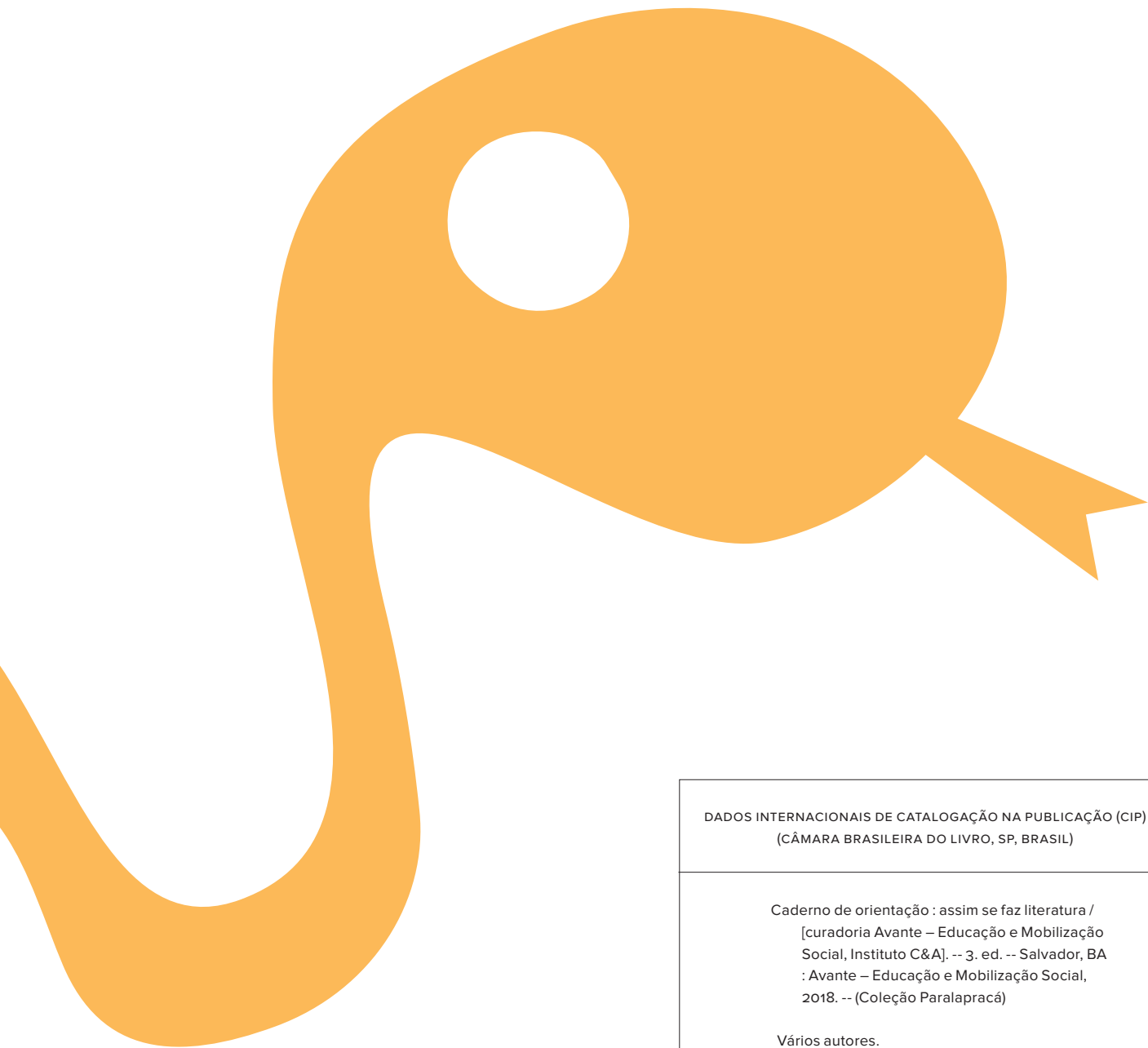
Compor os cenários implica pensar não apenas no espaço e nos recursos, mas também no tempo para a exploração literária. Esse momento não deve ser planejado às pressas, imprensado entre outras atividades da rotina, apenas como um momento para acalmar ou esperar a chegada dos pais. Literatura é coisa séria! Trata-se de um momento pensado para ser prazeroso e rico para as crianças.

Como diz Cecília Meireles, “a literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição”.

Lá

- FARIA, Vitória. *Memória de leitura e Educação Infantil*. In: SOUZA, Renata. *Caminhos para formação do leitor*. 1ª Ed. — São Paulo: DCL, 2004.
- LOIS, Lena V. *Teoria e prática da formação do leitor*. Instituto Newton Rique, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1984.
- RESENDE, Vânia M. *Literatura infantil & juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*. São Paulo: Ed. Saraiva, 2000.





DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Caderno de orientação : assim se faz literatura /
[curadoria Avante – Educação e Mobilização
Social, Instituto C&A]. -- 3. ed. -- Salvador, BA
: Avante – Educação e Mobilização Social,
2018. -- (Coleção Paralapraca)

Vários autores.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60828-25-8

ISBN 978-85-60828-13-5 (coleção)

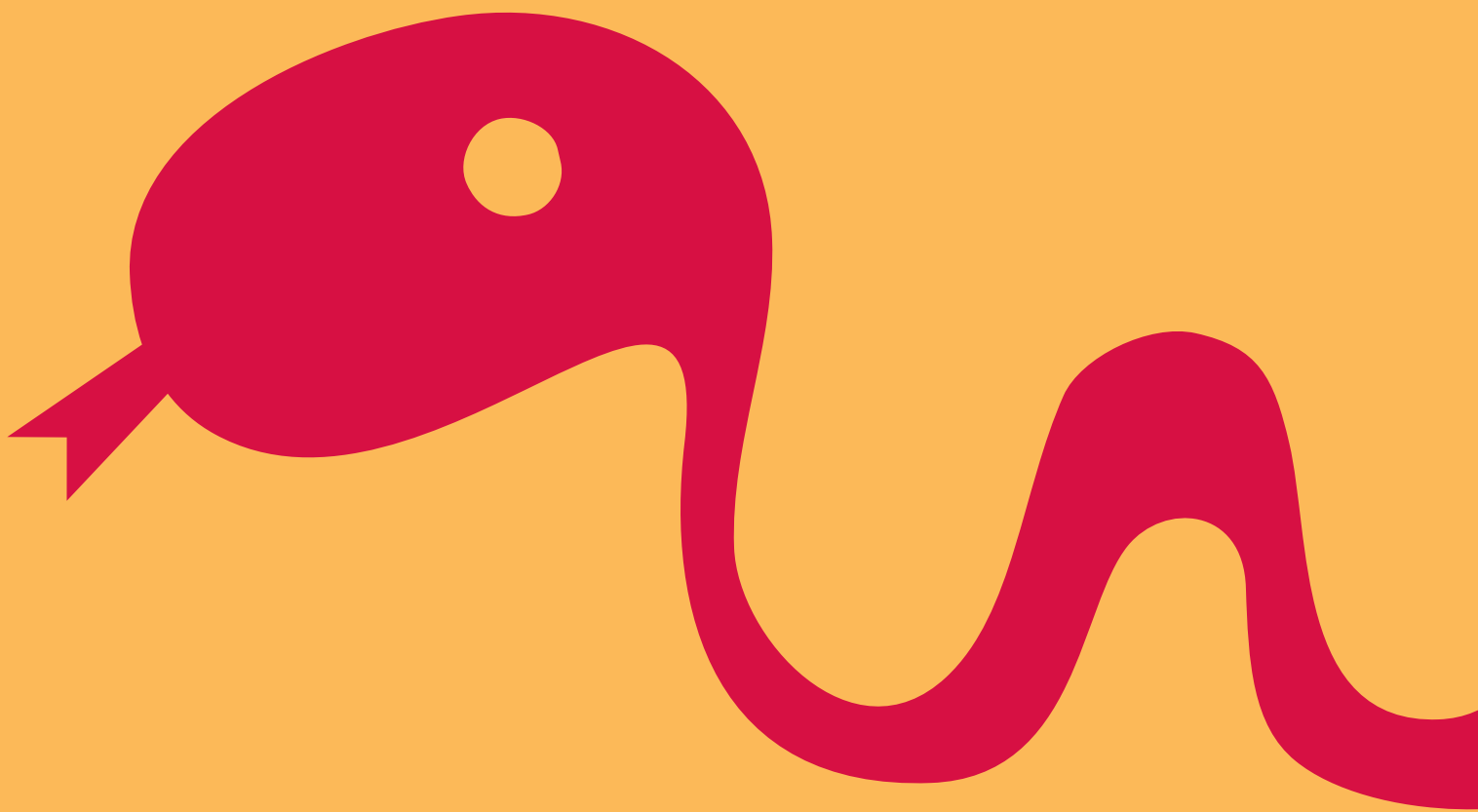
1. Coordenadores pedagógicos 2. Educação
infantil 3. Educadores - Formação 4. Formação
continuada 5. Paralapraca I. Avante – Educação e
Mobilização Social. II. Instituto C&A. III. Série.

18-13599

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação infantil 372.21





ISBN 856082825-7



9 788560 828258